

PRODUÇÃO DE NARRATIVAS A PARTIR DE APOIO VISUAL E ESCRITA COLETIVA ESPONTÂNEA: EXPERIÊNCIA COM CRIANÇAS DA TURMA DO 4º ANO NO PIBID DE PEDAGOGIA

Maria do Socorro Rodrigues de Sousa¹; Tayná Bezerra Fonseca²; Klara Letícia Lisboa e Silva³; Edinaura Almeida de Araújo⁴

¹UFCG/CFP, Cajazeiras – PB, Brasil, smariadosocorro@gmail.com

²UFCG/CFP, Cajazeiras - PB, Brasil, Tayna.bezerra@estudante.ufcg.edu.br

³UFCG/CFP, Cajazeiras – PB, Brasil, klaraleticia52@gmail.com

⁴UFCG/CFP, Cajazeiras – PB, Brasil, edinaura.almeida@professor.ufcg.edu.br

RESUMO

O presente trabalho surge a partir de vivências em sala de aula, envolvendo a produção de narrativas com apoio visual e a escrita coletiva em uma turma do 4º ano do Ensino Fundamental da instituição EMEIEF Cecília Estolano Meireles, situada na cidade de Cajazeiras-PB. Tais atividades foram propostas como meio de estimular a participação coletiva das crianças, incentivando a criação conjunta de histórias e narrativas. O objetivo desta pesquisa é analisar como a produção de narrativas a partir do apoio visual e a escrita coletiva espontânea contribuem para o desenvolvimento da aprendizagem de alunos do 4º ano do Ensino Fundamental, no contexto do PIBID de Pedagogia. A metodologia adotada caracteriza-se como qualitativa, de caráter descritivo, desenvolvida por meio de pesquisa de campo, assumindo também características de relato de experiência, a partir das vivências de uma pibidiana no contexto escolar. A experiência desenvolvida com a turma do 4º ano do Ensino Fundamental, no âmbito do PIBID, evidenciou que a articulação entre a produção de narrativas com apoio visual e a escrita coletiva espontânea se configura como uma estratégia pedagógica eficaz no processo de ensino e aprendizagem. Percebeu-se que os recursos visuais desempenharam um papel importante ao auxiliar na organização das ideias e na expressão oral e escrita, especialmente para aqueles estudantes que ainda enfrentam dificuldades.

Palavras-chave: Experiência no PIBID. Narrativas a partir de apoio visual. Escrita coletiva.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho surge a partir de vivências em sala de aula, envolvendo a produção de narrativas com apoio visual e a escrita coletiva em uma turma do 4º ano do Ensino Fundamental da instituição EMEIEF Cecília Estolano Meireles, situada na cidade de Cajazeiras-PB, no decorrer dos plantões pedagógicos desenvolvidos no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID).

Tais atividades foram propostas como meio de estimular a participação coletiva das crianças, incentivando a criação conjunta de histórias e narrativas. Além disso, objetivaram desenvolver a linguagem oral e escrita, o pensamento e a imaginação. Inicialmente, foi trabalhada a produção narrativa a partir do livro “A bola dourada”, de Nicole de Cock, que apresenta apenas imagens ilustrativas. A partir dessas imagens, as crianças construíram, por meio de suas falas, uma história única e significativa.

No que se refere à escrita, foi realizada uma produção de uma história coletiva. Cada criança contribuiu individualmente com uma frase ou parágrafo, que era posteriormente complementado por outro colega. Ao final, toda a turma participou da atividade, resultando em uma história coletiva, caracterizado como uma “colcha de retalhos”, construído de forma colaborativa.

Ambas as atividades serão anexadas no final deste trabalho como forma de evidenciar o desenvolvimento narrativo e a produção escrita da turma. Cada parágrafo revela a energia e o entusiasmo das crianças, que, por meio da escrita e da narrativa, atribuíram sentido às suas vozes, imaginação e pensamentos, tornando-os singulares.

O objetivo desta pesquisa é analisar como a produção de narrativas a partir do apoio visual e a escrita coletiva espontânea contribuem para o desenvolvimento da aprendizagem de alunos do 4º ano do Ensino Fundamental, no contexto do PIBID de Pedagogia. Nesse sentido, busca-se discutir a importância da linguagem, da imaginação e da produção de narrativas na infância, bem como compreender de que maneira o apoio visual pode se constituir como uma estratégia pedagógica significativa para a produção textual. Além disso, pretende-se analisar a escrita coletiva espontânea e suas contribuições para o processo de aprendizagem, assim como descrever a mediação docente durante o desenvolvimento das atividades propostas. Diante disso, a problemática do estudo consiste em compreender: de que maneira a produção de narrativas a partir do apoio visual e a escrita coletiva espontânea contribuem para o desenvolvimento da aprendizagem das crianças do 4º ano do Ensino Fundamental no contexto do PIBID?

A metodologia adotada caracteriza-se como qualitativa, de caráter descritivo, desenvolvida por meio de pesquisa de campo, assumindo também características de relato de experiência, a partir das vivências de uma pibidiana no contexto escolar. É considerada qualitativa por buscar compreender os momentos de interação e participação das crianças durante as atividades, sem a utilização de dados estatísticos. Classifica-se como descritiva por apresentar e detalhar as práticas pedagógicas desenvolvidas nos plantões. Quanto aos

procedimentos técnicos, trata-se de pesquisa de campo, uma vez que foi realizada diretamente no ambiente escolar, envolvendo os sujeitos participantes.

O estudo foi desenvolvido a partir dos plantões pedagógicos realizados na EMEIEF Cecília Estolando Meireles, localizada na cidade de Cajazeiras-PB. Participaram 27 crianças da turma do 4º ano, com idades entre 9 e 10 anos, no ano de 2025.

As atividades realizadas envolveram a construção de uma narrativa com base nas imagens do livro “A bola dourada”, de Nicole de Cock. Cada criança recebeu uma página do livro e, em seguida, dirigia-se à frente da sala para descrevê-la. As falas foram registradas, possibilitando a construção de uma história coletiva, posteriormente organizada e escrita pela pibidiana responsável pelo acompanhamento da atividade.

A segunda atividade consistiu na escrita coletiva espontânea. Em uma folha, cada criança escrevia uma frase ou parágrafo, que era posteriormente complementado por outro colega, sucessivamente, até que todos tivessem participado. Ao final, foi construída uma história coletiva, evidenciando o envolvimento e o desenvolvimento participativo da turma.

LINGUAGEM, IMAGINAÇÃO E PRODUÇÃO DE NARRATIVAS NA INFÂNCIA

A produção de narrativas na infância, especialmente no contexto dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, é uma prática pedagógica necessária para o desenvolvimento da linguagem, imaginação e organização do pensamento. Na experiência vivenciada com a turma do 4º ano, no campo do PIBID Pedagogia, o uso de apoio visual aliado à escrita coletiva espontânea, apresentou uma estratégia relevante para promover estímulos necessários, com a finalidade de proporcionar a participação ativa dos alunos e favorecer a escrita de produções textuais bem-organizadas.

É importante destacar que “a aprendizagem só é significativa se o conteúdo descoberto relacionar-se a conceitos subsunçores relevantes já existentes na estrutura cognitiva” (Farias, 2022, p.64 apud Moreira; Masini, 2001, p. 19). Nesse sentido, quando a criança chegar na escola, carrega consigo um capital de conhecimentos adquiridos com as experiências vividas no seu cotidiano, assim sendo, permite que se reconheça no processo educativo e conecte as ideias que já possuem com as que estão aprendendo.

Assim, ao propor atividades de escrita coletiva espontânea, o educador proporciona que os alunos dialoguem, ouçam ativamente os colegas e construam conhecimentos interagindo uns com os outros. Conforme David Ausubel (1968) esse processo promove a aprendizagem

significativa, pois parte da participação ativa das crianças e valorizam o contexto da realidade em que vivem.

De acordo com Vygotsky (2003) o professor desempenha um papel crucial no desenvolvimento intelectual da criança. O educador é responsável por promover momentos que favoreçam a construção de saberes, associando os conhecimentos que ele já possui, com novas vivências.

Na construção das atividades com apoio visual, imagens ou desenhos ilustrados, é possível perceber que esses recursos atuam como ferramentas de apoio para incentivar a imaginação das crianças.

A produção de narrativas na infância é uma prática essencial para o desenvolvimento da linguagem e do pensamento. No 4º ano dos Anos Iniciais, a maioria das crianças já conseguem realizar uma boa leitura e escrita, mas ainda necessitam de estímulos que favoreçam a organização das ideias e produção textual bem-organizada. Mas, é importante também dar apoio às crianças que ainda apresentam dificuldades na escrita correta, na organização de frases e na decodificação das palavras. Com isso, é imprescindível a inserção do apoio visual, para auxiliar no processo de aprendizagem e assim todas as crianças possam participar ativamente das aulas.

Quando falamos do desenvolvimento das crianças é essencial entender que a imaginação e a criatividade são aliadas no processo de desenvolvimento das crianças, nesse sentido, “uma das questões mais importantes da psicologia e da pedagogia infantis é a da criação na infância, do desenvolvimento e do significado do trabalho de criação para o desenvolvimento geral e o amadurecimento da criança.” (VYGOTSKY, 2009, p.16).

Quando se refere a criação infantil, é possível observar que cada fase apresenta características distintas, desde cedo as crianças demonstram interesse por atividades que envolvam a criatividade por meio de desenhos, figuras, a escrita, sendo formas importantes para a construção de uma melhor compreensão do mundo, nesse contexto:

de todas as formas de criação, a criação literária e verbal é a mais característica da idade escolar. É bem conhecido que, na primeira infância, todas as crianças passam por vários estágios do desenho. Desenhar é exatamente a criação típica da primeira infância, principalmente do período pré-escolar. Nessa época, as crianças desenhavam com vontade; às vezes, sem ser estimuladas por adultos e, às vezes, basta um pequeno estímulo para que comecem a desenhar. (VYGOTSKY, 2009, p. 61).

Na medida em que a criança se desenvolve, outras formas de criatividade vão tomando conta no seu processo estudantil, como por exemplo relacionadas a linguagem verbal e escrita. Com isso, percebe-se que a imaginação não acaba, mas se estrutura de outras maneiras a partir

de novos conceitos adquiridos pelo aluno, nesse viés “O desenho é deixado para trás como uma etapa vivida, e seu lugar começa a ser ocupado pela nova criação, verbal ou literária, que predomina, principalmente, no período de amadurecimento sexual do adolescente” (VYGOTSKY, 2009, p. 62).

Diante do exposto, compreende-se que a produção de narrativas em conjunto com recursos visuais e a escrita coletiva, representa uma estratégia pedagógica significativa para o progresso da imaginação e da organização do pensamento. Nesse processo, é fundamental o papel do professor para mediar ações educativas que valorizem a realidade em que o aluno está inserido. Além disso, a criatividade infantil não se limita a uma única forma de comunicação, mas se transforma de acordo com as etapas de desenvolvimento da criança.

O APOIO VISUAL COMO ESTRATÉGIA PEDAGÓGICA NA PRODUÇÃO TEXTUAL

Sobre a escrita de forma ativa, passando por diferentes etapas até compreender o sistema alfabético. Nesse sentido, a autora afirma que “há uma série de modos de representação que precedem a representação alfabética da linguagem” (FERREIRO, 2017, p. 11), evidenciando que a aprendizagem da escrita ocorre por meio de construções progressivas realizadas pela criança. O apoio visual contribui diretamente nesse processo, pois oferece elementos concretos que facilitam a relação entre o pensamento, a fala e a escrita, permitindo que o aluno organize melhor suas ideias ao produzir textos, mesmo quando ainda não domina completamente o sistema de escrita.

Além disso, ao considerar as contribuições de Ferreiro, entende-se que a criança constrói o conhecimento sobre a escrita de forma ativa, passando por diferentes etapas até compreender o sistema alfabético. Nesse sentido, a autora afirma que “há uma série de modos de representação que precedem a representação alfabética da linguagem” (FERREIRO, 2017, p. 11), evidenciando que a aprendizagem da escrita ocorre por meio de construções progressivas realizadas pela criança. O apoio visual contribui diretamente nesse processo, pois oferece elementos concretos que facilitam a relação entre o pensamento, a fala e a escrita, permitindo que o aluno organize melhor suas ideias ao produzir textos, mesmo quando ainda não domina completamente o sistema de escrita.

Outro aspecto relevante é que a aprendizagem precisa estar ligada ao contexto do aluno. Como aponta Lima (2020, p. 2), “ler e escrever não são atos mecanizados, mas processos de fundamental relevância para a sua formação”. Dessa forma, o uso de recursos visuais torna

as atividades mais significativas, pois aproxima o conteúdo da realidade dos estudantes, despertando interesse e incentivando a participação. Ao observar imagens ou sequências ilustradas, o aluno consegue estruturar narrativas, compreender situações e desenvolver maior autonomia na produção textual.

Portanto, o apoio visual deve ser entendido como uma estratégia pedagógica essencial no ensino da produção textual. Ele contribui para a organização das ideias, facilita a compreensão e fortalece o processo de construção da escrita. Cabe ao professor utilizar esses recursos de forma planejada e intencional, promovendo práticas que estimulem a criatividade, a reflexão e a expressão dos alunos por meio da linguagem escrita.

A ESCRITA COLETIVA ESPONTÂNEA NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM

De acordo com Ribeiro e Real (2016, n.p), “aprendemos especialmente em colaboração uns com os outros e, por isso, a escrita coletiva pode favorecer a interação entre os alunos em situação de aprendizagem”, constituindo-se, assim, como um importante contributo para o desenvolvimento da criatividade. Nesse contexto, o aluno, ao ter contato com a produção do colega, mobiliza sua imaginação para dar continuidade ao texto, ampliando suas possibilidades expressivas.

Desse modo, a criança atribui sentido à sua escrita a partir do contato direto com ela, manifestando sua ação criativa sobre o objeto de aprendizagem e produzindo algo singular. Nessa perspectiva, conforme Ana Teberosky (2003, p. 77) apud Ribeiro e Real (2016, n.p), “[...] o desenvolvimento e a aprendizagem são processos de construção de conhecimentos, mas é evidente que esta construção não ocorre por acaso, e sim em um contexto social, na interação com outros participantes”. Assim, o contato com a escrita dos colegas impulsiona a criança a refletir, reorganizar ideias e dar continuidade ao texto, utilizando recursos imaginativos para expressar sua criatividade.

Corroborando com essa compreensão, Lev Vygotsky (2024) afirma que a imaginação se desenvolve no espaço intermediário entre a realidade interna e externa, configurando-se como um campo de possibilidades para o desenvolvimento e a aprendizagem. Desse modo, a criança não aprende de forma isolada, mas por meio da interação com o ambiente, com o objeto de conhecimento e com os outros sujeitos.

No que se refere à escrita espontânea, segundo Prudência (2019), ela ocorre com base nos saberes prévios das crianças, sem a exigência imediata de normas formais. Trata-se, portanto, de um meio pelo qual a criança concretiza uma produção livre e significativa. À vista

disso, “este estilo de escrita é permeado de hipóteses que as mesmas constroem sobre o processo de escrita, oferecendo ao docente, assim, uma multiplicidade de reflexões” (Monteiro; Araújo, 2021, n.p). Dessa forma, a escrita espontânea revela-se não apenas como uma estratégia pedagógica, mas como um processo significativo de construção do conhecimento, no qual a criança se torna protagonista de sua própria aprendizagem.

A MEDIAÇÃO DOCENTE NO PROCESSO DAS ATIVIDADES NA SALA DO 4º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Nas atividades realizadas na turma do 4º ano do Ensino Fundamental, mediadas por uma discente do curso de Pedagogia participante do PIBID, observou-se, na primeira intervenção, que consistia na narrativa do livro “A bola dourada”, da autora Nicole de Cock, o interesse participativo de algumas crianças, enquanto outras não demonstravam envolvimento com a proposta. Contudo, nenhuma criança foi compelida a participar da atividade, respeitando-se, assim, o tempo e a disposição de cada uma.

Para os alunos que demonstraram interesse, foi entregue uma página do livro contendo apenas imagens, sem descrição textual. Durante a atividade, os estudantes eram convidados a se dirigir à frente da sala, conforme orientação. Nesse momento, descreviam, de forma livre e espontânea, o que observavam nas imagens, considerando que essa era a intencionalidade da proposta. Algumas crianças, por timidez ou dificuldade em se expressar, necessitavam de intervenções mediadoras. Assim, a discente/pibidiana realizava questionamentos como: “o que você vê nesta imagem?” e “como você a descreveria?”. Desse modo, os alunos sentiam-se mais seguros e apoiados, passando a verbalizar suas percepções.

Nesse sentido, é importante destacar que:

[...] o aprendiz é um sujeito protagonista do seu próprio processo de aprendizagem, alguém que transforma informações em conhecimento próprio. Essa construção não ocorre de forma isolada, mas em situações em que o sujeito pode agir sobre o objeto de conhecimento, refletir, receber apoio e interagir com outras pessoas (WEISZ, 2001, apud RIBEIRO; REAL, 2016).

À vista disso, o aluno assumia o papel de protagonista de sua própria narração, tendo a discente/pibidiana como mediadora, responsável por estimular sua criatividade e imaginação. Cada momento foi registrado, possibilitando que, posteriormente, a discente reescrevesse as falas das crianças, transformando-as em uma narrativa estruturada.

Na segunda atividade, realizada com a mesma turma, foi proposta uma produção de uma história coletiva. Diferentemente da primeira, houve maior adesão dos alunos. A escrita ocorreu de forma individual e, ao mesmo tempo, coletiva, uma vez que cada criança dava continuidade à produção iniciada pelo colega. Os estudantes eram chamados até a mesa da discente/pibidiana para escrever frases ou parágrafos, de maneira livre, valorizando a criatividade individual.

Durante a produção, a mediadora realizava a leitura do que já havia sido escrito, permitindo que o aluno dessa sequência coerente à narrativa. Observou-se que algumas crianças apresentavam menor desenvolvimento criativo, produzindo frases mais curtas, enquanto outras elaboravam parágrafos mais extensos e criativos.

Vale ressaltar que alguns alunos ainda não possuíam domínio da escrita, exigindo intervenções mais direcionadas. Nesses casos, a discente/pibidiana auxiliava por meio do ditado de sílabas e letras, conforme a necessidade, possibilitando que todos participassem da atividade. Nesse contexto, conforme Magda Soares (1999, n.p), “não é preciso esperar que a criança aprenda a escrever para que escreva, mas é escrevendo que ela aprenderá a escrever”. Assim, a prática da escrita, mesmo em processo inicial, constitui-se como fundamental para a aprendizagem.

Durante a atividade, os alunos também recebiam orientações quanto ao uso da pontuação, à grafia correta das palavras e à organização textual, como o início de novos parágrafos. Essas intervenções contribuíam não apenas para a construção do texto, mas também para o desenvolvimento das habilidades linguísticas. Nesse sentido, “não se trata de escolher ensinar, mas de perceber a prontidão e a necessidade do contato com as mais variadas formas de interação com a linguagem, entre elas a escrita” (MONTEIRO; ARAÚJO, 2021 n.p).

Nos dois momentos interventivos, evidenciaram-se aspectos como a criatividade de alguns alunos, a pouca participação de outros e a importância da mediação da discente/pibidiana, tanto no estímulo à participação quanto no apoio à escrita. Tais práticas contribuíram para que os alunos participassem ativamente do processo de aprendizagem.

Por fim, conforme Paulo Freire (1996, p. 12), “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção”. Nesse sentido, as atividades desenvolvidas possibilitaram a construção do conhecimento, promovendo o desenvolvimento da criatividade, da escuta ativa, da interação entre os alunos e o aprimoramento da escrita por meio das intervenções pedagógicas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se, portanto, que a experiência desenvolvida com a turma do 4º ano do Ensino Fundamental, no âmbito do PIBID, evidenciou que a articulação entre a produção de narrativas com apoio visual e a escrita coletiva espontânea se configura como uma estratégia pedagógica eficaz no processo de ensino e aprendizagem. Essas práticas possibilitam o aprimoramento da leitura e da escrita, como também estimularam a criatividade, a imaginação e a participação ativa dos alunos.

Percebeu-se que os recursos visuais desempenharam um papel importante ao auxiliar na organização das ideias e na expressão oral e escrita, especialmente para aqueles estudantes que ainda enfrentam dificuldades. Da mesma forma, a escrita coletiva favoreceu a troca de experiências, o diálogo e a construção conjunta do conhecimento, respeitando o ritmo e as particularidades de cada criança.

Ademais, ficou evidente a relevância da atuação da discente/pibidiana como mediadora, promovendo intervenções que incentivaram o envolvimento dos alunos e contribuíram para o desenvolvimento de suas habilidades linguísticas. Assim, as atividades realizadas reforçam a necessidade de práticas pedagógicas que valorizem a interação, o protagonismo dos estudantes e a aprendizagem significativa.

Por fim, o uso integrado dessas estratégias amplia as possibilidades de ensino da produção textual, tornando o processo educativo mais participativo, inclusivo e alinhado às necessidades dos alunos.

REFERÊNCIAS

AUSUBEL, David P. **Psicologia educacional: uma visão cognitiva**. Nova York: Holt, Rinehart and Winston, 1968.

FARIAS, G. B. de .. (2022). Contributos da aprendizagem significativa de David Ausubel para o desenvolvimento da Competência em Informação. *Perspectivas Em Ciência Da Informação*, 27(2), 58–76. <https://doi.org/10.1590/1981-5344/39999>

FERREIRO, Emilia. **Alfabetização em processo**. São Paulo: Cortez, 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. Segundo capítulo – “Ensinar não é transferir conhecimento”. São Paulo: Paz e terra, 1996.

LIMA, Joselene Granja Costa Castro. **Letramento e alfabetização: no processo da construção de leitura e escrita**. 2020.

MONTEIRO, Beatriz de Souza; ARAÚJO, Helena. **A escrita espontânea de pré-escolares: o que demonstra sobre as hipóteses da escrita**. *Signos*, Goiânia, v. 33, 2021. Disponível

em: A escrita espontânea de pré-escolares: o que demonstra sobre as hipóteses da escrita | Signótica. Acesso em: 25 mar. 2026.

MUNIZ, Luciana Soares; MARTÍNEZ, Albertina Mitjáns. **A expressão da criatividade na aprendizagem da leitura e da escrita: um estudo de caso.** Educação e Pesquisa, v. 41, n. 4, p. 1039-1054, 2015.

PRUDÊNCIO, Maria Angélica de Sousa Costa. **O que a BNCC diz não se escreve! escrita espontânea x escrita forçada.** In: CONEDU – Congresso Nacional de Educação, VI., 2019, Campina Grande. Anais [...]. Campina Grande: Realize Editora, 2019. Disponível em: O QUE A BNCC DIZ NÃO SE ESCRIVE! ESCRITA ESPONTÂNEA X ESCRITA FORÇADA | Realize Editora. Acesso em: 25 mar. 2026.

SOARES, Magda Becker. Aprender a escrever, ensinar a escrever. **A magia da linguagem**, v. 2, p. 49-73, 1999.

RODRIGUES, Adriana; ANGOTTI, Eduardo Marega. **O papel dos instrumentos e signos culturais no desenvolvimento do pensamento: contribuições para a educação.** Cadernos da Fucamp, v. 22, n. 55, p. 70–86, 2023.

RIBEIRO, Laisa Conceição; LEAL, Dr^a Luciana Ferreira. **ESCRITA COLETIVA: POSSIBILITA AVANÇOS NA CONSTRUÇÃO DO SISTEMA DE ESCRITA PELOS ALUNOS.** Blucher Social Sciences Proceedings, v. 2, n. 4, p. 1596-1604, 2016.

SOARES, Magda Becker. Aprender a escrever, ensinar a escrever. **A magia da linguagem**, v. 2, p. 49-73, 1999.

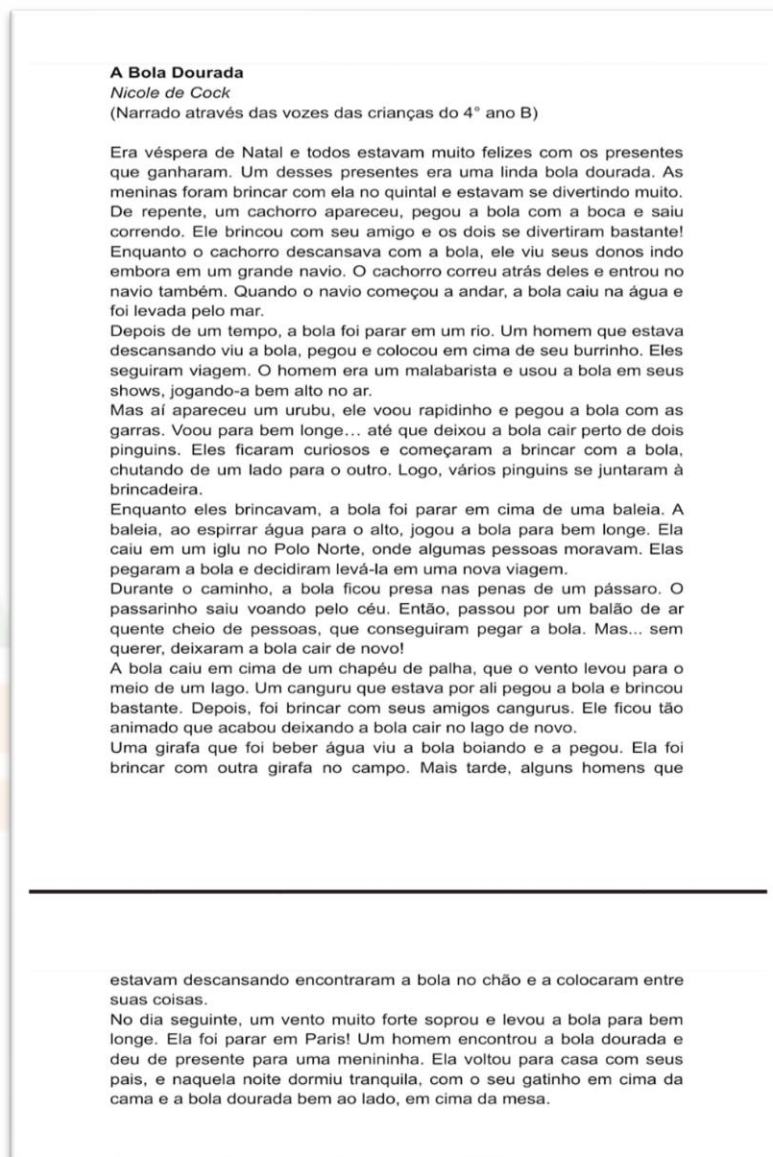
VYGOTSKY, Lev Semionovitch. Imaginação e criação na infância: ensaio psicológico: livro para professores. São Paulo: Ática, 2009.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. **Imaginação e criatividade na infância.** WMF Martins Fontes, 2024.



ANEXOS:

Figura 1- Narrativa escrita pela discente/ pibidiana a partir de uma atividade feita com páginas do livro “A bola dourada” de Nicole de Cock realizada na turma do 4º ano do Ensino Fundamental.



Fonte: arquivo pessoal da discente/pibidiana.

Figura 2 - escrita coletiva realizadas pelas crianças do 4º ano do Ensino Fundamental.

COLCHA DE RETALHOS TEXTUAL REALIZADA PELA TURMA DO 4º B

Título: NUNCA ACEITE DOCES DE ESTRANHOS

Era uma vez um atalho. Um dia, uma bela garota passava por lá. Ela encontrou um lindo bosque e cantou uma canção com sua voz. De repente, um homem se aproximou e lhe ofereceu vários doces, mas ela recusou porque estava desconfiada.

Logo em seguida, foi para casa e contou à sua mãe que não tinha aceitado os doces que um homem havia oferecido. A mãe, orgulhosa, disse:

— Muito bem, querida. Nunca aceite doces de estranhos. Você fez muito bem. Sempre pense antes de aceitar alguma coisa de alguém que não conhece, pois ele pode te sequestrar e você nunca mais ver a mamãe.

Mas, um dia, a menina se deixou enganar. Ao sair para o mercado Sam-Supermercado com o tio, por um descuido, um homem lhe ofereceu doces e ela, inocente, aceitou. Esse homem a levou para um lugar estranho e, em seguida, para uma floresta muito perigosa.

A menina tinha sido sequestrada e ficou mais de um mês desaparecida. Sua mãe, preocupada, resolveu procurá-la pessoalmente.

Então, a encontrou no parque. Feliz, voltou para casa e, quando chegaram, foram brincar de boneca. A partir daquele momento, a mãe nunca mais deixou a filha sair com o tio, que era um homem irresponsável.

No dia seguinte, a menina foi para a escola e, quando voltou, foi ao supermercado com a mãe. No outro dia, foi novamente à escola entregar um trabalho de História e, na volta, saiu com suas amigas. No caminho, um homem estranho em uma van ofereceu doces, mas elas seguiram direto para a sorveteria.

Enquanto a menina estava na sorveteria, o homem se aproximou e ofereceu bombons. Então, ela respondeu:

— Olha bem para minha cara e vê se eu estou querendo doce! Eu não quero doces de estranhos! Pensa que eu não sei que você quer me levar para a floresta para eu desaparecer de novo? Eu não quero mais saber de você, seu homem estranho, seu lixo, malandro!

Então, ela deu uma bicuda no moço e ele fugiu. E, daquele dia em diante, ela nunca mais confiou em estranhos.

FIM!

Fonte: arquivo pessoal da discente/pibidiana.